

# A ARRÁBIDA

Alexandre Herculano

I

Salve, ó vale do sul, saudoso e belo!  
Salve, ó pátria da paz, deserto santo,  
Onde não ruge a grande voz das turbas!  
Solo sagrado a Deus, pudesse ao mundo  
O poeta fugir, cingir-se ao ermo,  
Qual ao freixo robusto a frágil hera,  
E a romagem do túmulo cumprindo,  
Só conhecer, ao despertar na morte,  
Essa vida sem mal, sem dor, sem termo,  
Que íntima voz contínuo nos promete  
No trânsito chamado o viver do homem.

II

Suspira o vento no álamo frondoso;  
As aves soltam matutino canto;  
Late o lebréu na encosta, e o mar sussurra  
Dos alcantis na base carcomida:  
Eis o ruído de ermo! Ao longe o negro,  
Insondado oceano, e o céu cerúleo  
Se abraçam no horizonte. Imensa imagem  
Da eternidade e do infinito, salve!

III

Oh, como surge majestosa e bela,  
Com viço da criação, a natureza  
No solitário vale! E o leve insecto  
E a relva e os matos e a fragrância pura  
Das boninas da encosta estão contando  
Mil saudades de Deus, que os há lançado,  
Com mão profusa, no regaço ameno  
Da solidão, onde se esconde o justo.

E lá campeiam no alto das montanhas  
Os escalvados píncaros, severos,  
Quais guardadores de um lugar que é santo;  
Atalaias que ao longe o mundo observam,  
Cerrando até o mar o último abrigo  
Da crença viva, da oração piedosa,  
Que se ergue a Deus de lábios inocentes.

Sobre esta cena o sol verte em torrentes  
Da manhã o fulgor; a brisa esvai-se  
Pelos rosmaninhais, e inclina os topos  
Do zimbro e alecrineiro, ao rés sentados  
Desses troncos de fragas sobrepostas,

Que alpestres matas de medronhos vestem;  
O rocio da noite à branca rosa  
No seio derramou frescor suave,  
E inda existência lhe dará um dia.  
Formoso ermo do sul, outra vez, salve!

#### IV

Negro, estéril rochedo, que contrastas,  
Na mudez tua, o plácido sussurro  
Das árvores do vale, que vicejam  
Ricas d'encantos, coa estação propícia;  
Suavíssimo aroma, que, manando  
Das variegadas flores, derramadas  
Na sinuosa encosta da montanha,  
Do altar da solidão subindo aos ores,  
És digno incenso ao Criador erguido;  
Livres aves, filhas da espessura,  
Que só teceis da natureza as hinos,  
O que crê, o cantor, que foi lançado,  
Estranho no mundo, no bulício dele,  
Vem saudar-vos, sentir um gozo puro,  
Dus homens esquecer paixões e opróbio,  
E ver, sem ver-lhe a luz prestar a crimes,  
O Sol, e uma só vez puro saudar-lha.

Convosco eu sou maior; mais longe a mente  
dos céus se imerge livre,  
E se desprende de mortais memórias  
Na solidão solene, onde, incessante,  
Em cada pedra, em cada flor se escuta  
Do Sempiterno a voz, e vê-se impressa  
A dextra sua em multiforme quadro.

#### V

Escalvado penedo, que repousas  
Lá no cimo do monte, ameaçando  
Ruína ao roble secular da encosta,  
Que sonolento move a coma estiva  
Ante a aragem do mar, foste formoso;  
Já te cobriram cespedes virentes;  
Mas o tempo voou, e nele envolta  
A formosura tua. Despedidos  
Das negras nuvens o chuveiro espesso  
E o granizo, que o solo fustigando  
Tritura a tenra lanceolada relva,  
Durante largos séculos, no Inverno,  
Dos vendavais no dorso a ti desceram.  
Qual amplexo brutal de ardos grosseiro,  
Que, maculando virginal pureza.  
Do pudor varre a auréola celeste,  
E deixa, em vez de um serafim m Terra,  
Queimada flor que devorou o raio.

#### VI

Caveira da montanha, ossada imensa,  
É tua campa o Céu: sepulcro o vale  
Um dia te será. Quando sentires  
Rugir com som medonho a Terra ao longe,

Na expansão dos vulcões, e o mar, bramindo,  
Lançar à praia vagalhões cruzados;  
Tremor-te a larga base, e sacudir-te  
De sobre si, o fundo deste vale  
Te vai servir de túmulo; e os carvalhos  
Do mundo primogénitos, e os sobros,  
Arrastados por ti lá da colina,  
Contigo hão-de jazer. De novo a terra  
Te cobrirá o dorso sinuoso:  
Outra vez sobre ti nascendo os lírios,  
Do seu puro candor hão-de adornar-te;  
E tu, ora medonho e nu e triste,  
Ainda belo serás, vestido e alegre.

## VII

Mais que o homem feliz! Quando eu no vale  
Dos túmulos cair; quando uma pedra  
Os ossos me esconder, se me for dada,  
Não mais reviverei; não mais meus olhos  
Verão, ao pôr-se, o Sol em dia estivo,  
Se em turbilhões de púrpura, que ondeiam  
Pelo extremo dos céus sobre o ocidente.  
Vai provar que um Deus há o estranhos povos  
E além das ondas trémulo sumir-se;  
Nem, quando, lá do cimo das montanhas,  
Com torrentes de luz inunda as veigas:  
Não mais verei o refulgir da Lua  
No irrequieto mar, na paz da noite,  
Por horas em que vela o criminoso,  
A quem íntima voz rouba o sossego.  
E em que o justo descansa, ou, solitário,  
Ergue ao Senhor um hino harmonioso.

## VIII

Ontem, sentado num penhasco, e perto  
Das águas, então quedas, do oceano,  
Eu também o louvei sem ser um justo:  
E meditei, e a mente extasiada  
Deixei correr pela amplidão das ondas.

Como abraço materno era suave  
A aragem fresca do cair das trevas.  
Enquanto, envolta em glória, a clara Lua  
Sumia em seu fulgor milhões d'estrelas.

Tudo calado estava: o mar somente  
As harmonias da criação soltava,  
Em seu rugido; e o ulmeiro do deserto  
Se agitava, gemendo e murmurando.  
Ante o sopro de oeste: ali dos olhos  
O pranto me correu, sem que o sentisse.  
E aos pés de Deus se derramou minha alma.

## IX

Oh, que viesse o que não crê, comigo,  
À vicejante Arrábida de noite,  
E se assentasse aqui sobre estas fragas,  
Escutando o sussurro incerto e triste

Das movediças ramas, que povoa  
De saudade e de amor nocturna brisa;  
Que visse a lua, o espaço opresso de astros,  
E ouvisse o mar soando: – ele chorara,  
Qual eu chorei, as lágrimas do gozo,  
E, adorando o Senhor, detestaria  
De uma ciência vã seu vão orgulho.

X

É aqui neste vale, ao qual não chega  
Humana voz e o tumultuar das turbas,  
Onde o nada da vida sonda livre  
O coração, que busca ir abrigar-se  
No futuro, e debaixo do amplo manto  
Da piedade de Deus: aqui serena  
Vem a imagem da campa, como a imagem  
Da pátria ao desterrado; aqui, solene,  
Brada a montanha, memorando a morte.

Essas penhas, que, lá no alto das serras  
Nuas, crestadas, solitárias dormem,  
Parecem imitar da sepultura  
O aspecto melancólico e o repouso  
Tão desejado do que em Deus confia.  
Bem semelhante à paz, que se há sentado  
Por séculos, ali, nas cordilheiras  
É o silêncio do adro, onde reúnem  
Os ciprestes e a Cruz, o Céu e a Terra.

Como tu vens cercado de esperança,  
Para o inocente, ó plácido sepulcro!  
Junto das tuas bordas pavorosas  
O perverso recua horrorizado:  
Após si volve os olhos; na existência  
Deserto árido só descobre ao longe.  
Onde a virtude não deixou um trilho.

Mas o justo, chegando à meta extrema,  
Que separa de nós a eternidade,  
Transpõe-na sem temor, e em Deus exulta..  
O infeliz e o feliz lá dormem ambos,  
Tranquilamente: e o trovador mesquinho,  
Que peregrino vagueou na Terra,  
Sem encontrar um coração ardente  
Que o entendesse, a pátria de seus sonhos,  
Ignota, por lá busca; e quando as eras  
Vierem junto às cinzas colocar-lhe  
Tardios louros, que escondera a inveja,  
Ele não erguerá a mão mirrada,  
Para os cingir na regelada fronte.  
Justiça, glória, amor, saudade, tudo,  
An pé da sepultura, é som perdido  
De harpa eólia esquecida em brenha ou selva:  
O despertar um pai, que saboreia  
Entre os braços da morte o extremo sono,  
Já não é dado ao filial suspiro;  
Em vão o amante, ali, da amada sua  
De rosas sobre a c'roa debruçado,  
Rega de amargo pranto as murchas flores  
E a fria pedra: a pedra é sempre fria.

E para sempre as flores se murcharam.

## XI

Belo ermo!, eu hei-de amar-te enquanto esta alma,  
Aspirando o futuro além da vida  
E um hálito dos Céus, gemer atada  
À coluna do exílio, a que se chama  
Em língua vil e mentirosa o mundo.  
Eu hei-de amar-te, ó vale, como um filho  
Dos sonhos meus. A imagem do deserto  
Guardá-la-ei no coração, bem junto  
Com minha fé, meu único tesouro.

Qual pomposo jardim de verme ilustre,  
Chamado rei ou nobre, há-de contigo  
Comparar-se, ó deserto? Aqui não cresce  
Em vaso de alabastro a flor cativa,  
Ou árvore educada por mão de homem,  
Que lhe diga: «És escrava», e erga um ferro  
E lhe decepe os troncos. Como é livre  
A vaga do oceano, é livre no ermo  
A bonina rasteira ou freixo altivo!  
Não lhes diz: «Nasce aqui, ou lá não cresças».  
Humana voz. Se baqueou o freixo,  
Deus o mandou: se a flor pendida murcha,  
É que o rocío não desceu de noite,  
E da vida o Senhor lhe nega a vida.

Céu livre, Terra livre, e livre a mente,  
Paz íntima, e saudade, mas saudade  
Que não dói, que não mirra, e que consola,  
São as riquezas do ermo, onde sorriem  
Das porcelas do mundo os que o deixaram.

## XII

Ali naquela encosta, ontem de noite,  
Alvejava por entre os medronheiros  
Do solitário a habitação tranquila:  
E eu vagueei por lá. Patente estava  
O pobre albergue do eremita humilde,  
Onde jazia o filho da esperança  
Sob as asas de Deus, à luz dos astros,  
Em leito, duro sim, não de remorsos.  
Oh, com quanto sossego o bom do velho  
Dormia! A leve aragem lhe ondeava  
As raras cãs na fronte, onde se lia  
A bela história de passados anos.  
De alto choupo através passava um raio  
Da Lua – astro de paz, astro que chama  
Os olhos para o céu, e a Deus a mente –  
E em luz pálida as faces lhe banhava:  
E talvez neste raio o Pai celeste  
Da pátria eterna, lhe enviava a imagem,  
Que o sorriso dos lábios lhe fugia,  
Como se um sonho de ventura e glória  
Na Terra de antemão o consolasse.  
E eu comparei o solitário obscuro  
Ao inquieto filho das cidades:

Comparei o deserto silencioso  
Ao perpétuo ruído que sussurra  
Pelos palácios do abastado e nobre,  
Pelos paços dos reis; e condoí-me  
Do cortesão soberbo, que só cura  
De honras, haveres, glória, que se compram  
Com maldições e perenal remorso.  
Glória! A sua qual é? Pelas campinas,  
Cobertas de cadáveres, regadas  
De negro sangue, ele segou seus louros;  
Louros que vão cingir-lhe a fronte altiva  
Ao som do choro da viúva e do órfão;  
Ou, dos sustos senhor, em seu delírio,  
Os homens, seu irmãos, flagela e oprime.  
Lá o filho do pó se julga um nume,  
Porque a Terra o adorou; o desgraçado  
Pensa, talvez, que o verme dos sepulcros  
Nunca se há-de chegar para tragá-lo  
Ao banquete da morte, imaginando  
Que uma lájea de mármore, que esconde  
O cadáver do grande, é mais durável  
Do que esse chão sem inscrição, sem nome.  
Por onde o oprimido, o mísero, procura  
O repouso, e se atira aos pés do trono  
Do Omnipotente, a demandar justiça  
Contra os fortes do mundo, os seus tiranos.

### XIII

Ó cidade, cidade, que transbordas  
De vícios, de paixões e de amarguras!  
Tu lá estás, na tua pompa envolta,  
Soberba prostituta, alardeando  
Os teatros, e os paços, e o ruído  
Das carroças dos nobres recamadas  
De ouro e prata, e os prazeres de uma vida  
Tempestuosa, e o tropear contínuo  
Dos férvidos ginetes, que alevantam  
O pó e o lodo cortesão das praças;  
E as gerações corruptas de teus filhos  
Lá se revolvem, qual montão de vermes  
Sobre um cadáver pútrido! Cidade,  
Branqueado sepulcro, que misturas  
A opulência, a miséria, a dor e o gozo,  
Honra e infâmia, pudor e impudícia  
Céu e inferno, que és tu? Escárnio ou glória  
Da humanidade? O que o soberbo que o diga!

Bem negra avulta aqui, na paz do vale,  
A imagem desse povo, que reflui  
Das moradas à rua, à praça, ao templo;  
Que ri, e chora, folga, e geme, e morre,  
Que adora Deus, e que o pragueja, e o teme;  
Absurdo misto de baixeza extrema  
E de extrema ousadia; vulto enorme,  
Ora aos pés de um vil déspota estendido,  
Ora surgindo, e arremessando ao nada  
As memórias dos séculos que foram,  
E depois sobre o nada adormecendo.

Vê-lo, rico de opróbrio, ir assentar-se

Em joelhos nos átrios dos tiranos.  
Onde, entre o lampejar de armas de servos,  
O servo popular adora um tigre ?  
Esse tigre é o ídolo do povo!  
Saudai-o; que ele o manda: abençoai-lhe  
O férreo ceptro: ide folgar em roda  
De cadafalsos, povoados sempre  
De vítimas ilustres, cujo arranco  
Seja como harmonia, que adormente  
Em seus terrores o senhor das turbas.  
Passai depois. Se a mão da Providência  
Esmigalhou a frente à tirania;  
Se o déspota caiu, e está deitado  
No lodaçal da sua infâmia, a turba  
Lá vai buscar o ceptro dos terrores,  
E diz: «É meu»; e assenta-se na praça,  
E envolta em roto manto. e julga, e reina.  
Se um ímpio, então, na afogueada boca  
De vulcão popular sacode um facho,  
Eis o incêndio que muge, e a lava sobe,  
E referve, e trasborda, e se derrama  
Pelas ruas além: clamor retumba  
De anarquia impudente, e o brilho de armas  
Pelo escuro transluz, como um presságio  
De assolação, e se amontoam vagas  
Desse mar d'abjecção, chamado o vulgo;  
Desse vulgo, que ao som de infernais hinos  
Cava fundo da Pátria a sepultura,  
Onde, abraçando a glória do passado  
E do futuro a última esperança,  
As esmaga consigo, e ri morrendo.

Tal és, cidade, licenciosa ou serva!  
Outros louvem teus paços sumptuosos,  
Teu ouro, teu poder: sentina impura  
De corrupções, teus não serão meus hinos!

#### XIV

Cantor da solidão, vim assentar-me  
Junto do verde céspede do vale,  
E a paz de Deus do mundo me consola.

Avulta aqui, e alveja entre o arvoredado,  
Um pobre conventinho. Homem piedoso  
O alevantou há séculos, passando,  
Como orvalho do céu, por este sítio,  
De virtudes depois tão rico e fértil.

Como um pai de seus filhos rodeado,  
Pelos matos do outeiro o vão cercando  
Os tugúrios de humildes eremitas,  
Onde o cilício e a compunção apagam  
Da lembrança de Deus passados erros  
Do pecador, que reclinou a fronte  
Penitente no pó. O sacerdote  
Dos remorsos lhe ouviu as amarguras;  
E perdoou-lhe, e consolou-o em nome  
Do que expirando perdoava, o Justo,  
Que entre os humanos não achou piedade.

Religião! do mísero conforto,  
Abrigo extremo de alma, que há mirrado  
O longo agonizar de uma saudade.  
Da desonra, do exílio, ou da injustiça,  
Tu consolas aquele, que ouve o Verbo.  
Que renovou o corrompido mundo,  
E que mil povos pouco a pouco ouviram.  
Nobre, plebeu, dominador, ou servo,  
O rico, o pobre, o valoroso, o fraco,  
Da desgraça no dia ajoelharam  
No limiar do solitário templo.  
Ao pé desse portal, que veste o musgo,  
Encontrou-os chorando o sacerdote,  
Que da serra descia à meia-noite,  
Pelo sino das preces convocado:  
Aí os viu ao despontar do dia,  
Sob os raios do Sol, ainda chorando,  
Passados meses, o burel grosseiro,  
O leito de cortiça, e a fervorosa  
E contínua oração foram cerrando  
Nos corações dos míseros as chagas,  
Que o mundo sabe abrir, mas que não cura.  
Aqui, depois, qual hálito suave.  
Da Primavera, lhes correu a vida,  
Até sumir-se no adro do convento,  
Debaixo de uma lájea tosca e humilde,  
Sem nome, nem palavra, que recorde  
O que a terra abrigou no sono extremo.

Eremitério antigo, oh, se pudesses  
Dos anos que lá vão contar a história;  
Se ora, à voz do cantor, possível fosse  
Transudar desse chão, gelado e mudo,  
O mudo pranto, em noites dolorosas,  
Por naufragos do mundo derramado  
Sobre ele, e aos pés da Cruz!... Se vós pudésseis,  
Broncas pedras, falar, o que diríeis!

Quantos nomes mimosos da ventura,  
Convertidos em fábula das gentes.  
Despertariam o eco das montanhas,  
Se aos negros troncos do sobreiro antigo  
Mandasse o Eterno sussurrar a história  
Dos que vieram desnudar-lhe o cepo,  
Para um leito formar, onde velassem  
Da mágoa, ou do remorso, as longas noites!  
Aqui veio, talvez, buscar asilo  
Um poderoso, outrora anjo da Terra,  
Despenhado nas trevas do infortúnio;  
Aqui gemeu, talvez, o amor traído,  
Ou pela morte convertido em cancro  
De infernal desespero; aqui soaram  
Do arrependido os últimos gemidos,  
Depois da vida derramada em gozos,  
Depois do gozo convertido em tédio.  
Mas quem foram? Nenhum, depondo em terra  
Vestidura mortal, deixou vestígios  
De seu breve passar. E isso que importa,  
Se Deus o viu; se as lágrimas do triste



Ele contou, para as pagar com glória?

XVI

Ainda em curvo outeiro, ao fim da senda  
Que serpeia do monte ao fundo vale,  
Sobre o marco de pedra a cruz se eleva,  
Como um farol de vida em mar de escolhos:  
Ao cristão infeliz acolhe no ermo.  
E consolando-o, diz-lhe: «A pátria tua  
É lá no Céu: abraça-te comigo.»  
Junto dela esses homens, que passaram  
Acurvados na dor, as mãos ergueram  
Para o Deus, que perdoa, e que é conforto  
Dos que aos pés deste símbolo da esp'rança  
Vêm derramar seu coração aflito:  
É do deserto a história, a cruz e a campa;  
E sobre tudo o mais pousa o silêncio.

XVII

Feliz da Terra, os monges não maldigas;  
Do que em Deus confiou não escarneças:  
Folgando segue a trilha, que há juncado,  
Para teus pés, de flores a fortuna.  
E sobre a morta crença em paz descansa.  
Que mal te faz. Que gozo vai roubar-te  
O que ensanguenta os pés no tojo agreste,  
E sobre a fria pedra encosta a fronte?  
Que mal te faz uma oração erguida,  
Nas solidões, por voz sumida e frouxa,  
E que, subindo aos Céus, só Deus escuta?  
Oh, não insultes lágrimas alheias,  
E deixa a fé ao que não tem mais nada!...

E se estes versos te contristam, rasga-os.  
Teus menestréis te venderão seus hinos,  
Nos banquetes opíparos, enquanto  
O negro pão repartirá comigo,  
Seu trovador, o pobre anacoreta,  
Que não te inveja as ditas, como as c'roas  
Do prazer ao cantor eu não invejo;  
Tristes coroas, sob as quais às vezes  
Está gravada uma inscrição d'infâmia.